

O CINEMA COMO MEIO E FORMA DE MULTILETRAMENTO

Arthur Felipe de Oliveira Fiel¹

1. af_fiel@yahoo.com.br

RESUMO

Viver num mundo no qual a globalização não é mais uma ideia, mas sim uma realidade concreta e pulsante, exige que formemos cidadãos aptos a ler os sinais multissemióticos e multimodais que são emitidos a todo momento e que vêm de toda parte. Neste mundo, juntar sílabas, formar e ler palavras não atendem mais as necessidades básicas para concretizar a prática cidadã, o letramento tradicional mostra-se, hoje, ineficaz. Por isso, o presente artigo apresenta-lhes o conceito de multiletramento no âmbito escolar e como o cinema pode contribuir para isso, sendo ele, ao mesmo tempo, um meio e também uma forma para concretizar tal prática.

PALAVRAS-CHAVE: CINEMA, EDUCAÇÃO, MULTILETRAMENTO.

ABSTRACT

Live in a world in which globalization is no longer an idea but a concrete and pulsating reality requires that we form citizens able to read the multisemiotics and multimodal signals that are emitted at all times and that come from everywhere. In this world, join syllables, form and read words no longer meet the basic needs to realize the citizen practice, the traditional literacy shows up today, ineffective. Therefore, this article presents to them the concept of multiliteracy in schools and how cinema can contribute to this, being at the same time, a means and a way to implement the practice.

KEYWORDS: CINEMA, EDUCATION, MULTILITERACY.

INTRODUÇÃO

É socialmente atribuída a pedagogos e, especialmente, a professores de língua portuguesa, o dever e o desafio de formar leitores. Porém, formar leitores na contemporaneidade exige do

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



docente uma relação de grande intimidade com as novas tecnologias de informação e comunicação – TICS – e os meios multimidiáticos. Isto, devido aos novos caminhos trilhados pela humanidade que indicam uma revolução no meio de conceber e ensinar linguagens, pois, a globalização cultural exige do educando, e do educador, não só o domínio de sua língua materna, mas também o domínio de linguagens presentes na cultura global, a exemplo do cinema e audiovisual e seus desdobramentos digitais.

Para Belloni (2002, p. 30):

Os incríveis avanços técnicos em eletrônica, informática e redes vêm criando um novo campo de ação, novos processos sociais, métodos de trabalho, mudanças culturais profundas, novos métodos de aprender e perceber o mundo (e, portanto de intervir nele), com repercussões significativas no campo da educação, a exigir transformações radicais nos métodos de ensino e nos sistemas educacionais.

É preciso, contudo, considerar os seguintes pressupostos: a) a leitura não se restringe apenas ao ato de juntar letras e sílabas para formar palavras, nem apenas ao ato de atribuir som à palavra escrita, como reza o senso comum, ela vai além, chegando à fase de atribuição de significados, ou seja, produção de sentidos; b) desde a infância, os indivíduos possuem contato com a música, a fotografia, o cinema e outras formas de representações de mundo que possuem uma linguagem própria, este fato implica num repertório cultural pertencente à criança mesmo antes de chegar à escola; e, c) As TICS trouxeram importantes e necessárias possibilidades de escolarização e multiletramentos. Logo, partindo desses pressupostos, cabe ao corpo escolar pensar e repensar didáticas e metodologias que sejam capazes de unificar o conhecimento de mundo prévio, inerente aos alunos, às novas possibilidades de letramento.

A respeito disso, Orlandi (2000, p. 40) afirma que:

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderia nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens não são alternativas. Elas se

articulam. E é essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno.

Com base nisso, o presente artigo visa a expor, através de um levantamento bibliográfico, a necessidade de um multiletramento no ambiente escolar, e como o cinema pode contribuir para isso, sendo ele, ao mesmo tempo, um meio e também uma forma para concretizar tal prática.

MULTILETRAMENTOS

De acordo com Ferreira (2004), o termo letramento significa: “1. Ato ou efeito de letrar(-se); 2. *Bras. Educ. Ling.* Estado ou condição de indivíduo que se utiliza da leitura e da escrita, ou de exercê-las como instrumentos de sua realização e de seu desenvolvimento social e cultural.” Soares (1997) define o termo como o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita. Logo, o significado prático de letramento está bem mais voltado à utilidade do uso da leitura e escrita para a efetiva concretização da cidadania.

Um novo conceito de letramento surge a partir do momento em que percebe-se o predomínio de sons, imagens e outras linguagens na mídia e cultura mundial, além das novas possibilidades pedagógicas que foram introduzidas por elas no âmbito escolar. Este conceito leva em conta a multiplicidade cultural das populações mundiais e também a multiplicidade semiótica de constituição textual.

Lorenzi e Pádua (*apud* ROJO, 2012, p.40) afirmam que:

[...] os letramentos escolares foram significativamente ampliados com mudanças culturais e tecnológicas no processo de alfabetização dos alunos, com predominância dos textos multimodais. Houve um impacto crescente da leitura de imagens e áudios.

É importante esclarecer que, segundo ROJO (2012), o prefixo "multi", quando adicionado ao termo letramento, não restringe o seu significado às múltiplas práticas de leitura e escrita. Para

ela, as práticas de letramento envolvem, tanto a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais, como também, a pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação.

As novas linguagens, introduzidas pelo avanço tecnológico, têm caráter multissemiótico e multimodal, pois são compostas por múltiplos elementos linguísticos (verbais e não-verbais), e exigem uma capacidade elevada de compreensão e significação por parte do seu público, seja ele leitor ou espectador. Dessa forma, surge a necessidade de inserir o aluno numa nova prática de letramento, diferente da tradição escolar, que o torne capaz de compreender com clareza as semioses dos discursos existentes, os letramentos multissemióticos.

A respeito disso, Dias (et al. *apud* ROJO, 2012) elaboraram uma proposta que considera o aluno um sujeito imerso num universo cosmopolita, e multimídia, pois, “muitas vezes, é nas telas extracurriculares (em casa ou nas *lan houses*) que os alunos vão entrar em contato com as multissemioses e aprender a combinar conhecimento e entretenimento”. Para esses autores:

Se antes um leitor era um sujeito que tinha uma relação solitária com as formas impressas de leitura, hoje, após o advento da internet, a globalização tem desencadeado efeitos múltiplos sobre a circulação, a produção e a recepção de informações, na medida em que os meios de comunicação e as novas tecnologias atravessam as fronteiras de um meio cultural próximo, local ou nacional, e nos aproximam de uma cultura mundial, globalizada. (Dias *et al. apud* ROJO, 2012, p.83)

O multiletramento torna-se, assim, uma prática necessária para a efetiva formação de sujeitos críticos, éticos, e aptos a atuar dentro da sociedade na qual estão inseridos. Com isso, os docentes estariam contribuindo não apenas para o sucesso escolar de seus alunos, mas também para uma prática social pautada na conectabilidade e interatividade exigidas pela cultura vigente em nossa ordem social.

O CINEMA EM SALA DE AULA

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



Ao longo do último século a sociedade viu-se transformada devido ao avanço das TICS. Esta transformação fez com que uma vasta gama de informações chegasse a crianças, jovens, e adultos, de forma quase simultânea, adentrando e alterando o ambiente e as formas de interação social. Entendendo o cinema como um aparato tecnológico de grande valor real e simbólico, o presente artigo defende a ideia de que a experiência cinematográfica precisa ser melhor aproveitada na escola, pois, desde o seu surgimento, o cinema tem sido usado como uma forma de educar e instruir. Contudo, a relação cinema/educação vai muito além do campo da educação formal e escolar.

Para Soares (2004, p.110): “uma educação que se mostra com face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem. ”. Logo, o cinema é uma representação do real que precisa ser devidamente lida e compreendida.

É nesse sentido que compreende-se o quão necessária é a atuação da escola na formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel social. Para Franco (*apud* PRETTO, 1996, p. 274) a escola “não deve competir com a mídia, mas travar com ela um jogo dialético”. Outro fato que não pode ser desprezado é a ludicidade dos meios audiovisuais e o encantamento que estes provocam em seu espectador, em especial, nas crianças.

A respeito disso, Moran (2007) afirma:

A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprendem a informar-se, a conhecer - os outros, o mundo, a si mesmo - a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, tocando as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa -ninguém obriga - é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa - aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam. Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma - mais fácil, agradável, compacta - sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos. (MORAN, 2007)

Sendo assim, ao utilizar-se do cinema em sala de aula, o professor alia à sua metodologia o componente lúdico, o que pode deixar a sua aula mais prazerosa para aqueles que estão ali para

aprender. Porém, tal prática exige do docente um conhecimento prévio da linguagem cinematográfica, a fim de utilizar este recurso de forma precisa e planejada. Logo, um filme não deve ser exposto de forma meramente ilustrativa. Faz-se, então, necessária uma metodologia que vise a educação do olhar.

Segundo Duarte (*apud* ARAÚJO, 2007, p.2) “o ato de assistir a um filme é tão importante quanto a leitura de obras sociológicas, filosóficas e literárias, e etc”. Contudo, o cinema tem uma característica marcante, ele é audiovisual, ele une o som e a imagem em movimento, é sedutor ao olhar, e “aprender a ver cinema é realizar esse rito de passagem do espectador passivo para o espectador crítico”, (TARDIF, 2002, p.42).

Para Napolitano (2003):

A sala de aula já vem incorporando, e sofrendo a intervenção dos meios de comunicação de massa com a utilização de jornais, revistas, programas de televisão. Porém, é preciso ver que esses meios podem ser considerados como salas de aula, como espaços de transformação de consciência, de aquisição de conhecimentos; que eles dependem de uma pedagogia crítica e que o sucesso dessa pedagogia crítica depende de como vamos ver e ouvir os produtos da indústria cultural. (NAPOLITANO, 2003, p.89)

Morin (1997, *apud* ARAUJO e VOSS, 2009), ao estudar os mecanismos da cognição humana, com os quais o homem abstrai a realidade para representá-la no pensamento, identifica um processo psicológico de projeção/identificação na relação que o espectador estabelece com as imagens cinematográficas.

A respeito disso, Araujo e Voss (2009) afirmam:

A linguagem cinematográfica é exemplar para demonstrar como o processo cognitivo acontece, especialmente para a relação ensino e aprendizagem em sala de aula esse processo é a base para um conhecimento que reconhece no outro um compartilhar de sentimentos, afetos, emoções, necessidades vitais, etc., dado justamente o realismo imaginário, que institui a linguagem cinematográfica. É por isso que o cinema, por manipular psicologicamente o espectador, provoca tais processos e pode se constituir, pedagogicamente, em um acionador cognitivo, para consolidar, gramatical e semanticamente, o aprendizado de um idioma que extrapola a mera memorização de palavras e expressões linguísticas. À estrutura gramatical se agrega uma compreensão encarnada, possibilitada pela identificação do espectador com os valores dos personagens. (ARAUJO e VOSS, 2009)

Propõe-se, então, o cinema como uma forma de multiletramento devido as semioses de seu discurso, que favorece aos alunos um processo de identificação e projeção da experiência audiovisual com capacidade de acionar um melhor processo cognitivo que possibilite a aprendizagem não somente de uma língua, mas de valores e culturas representadas em tela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do ato de ler tem sido considerada como uma das mais importantes propostas educacionais dos últimos tempos. Diversos estudos voltaram-se para esta proposta a fim de encontrar um método de letramento que aproxime o leitor do texto de forma eficaz. Todavia, sabe-se que a prática tradicional do ensino da leitura tende a abafar o aprendiz, tornando a leitura de textos literários demasiadamente cansativa para jovens que possuem, ao alcance das mãos, dispositivos capazes de lhe responder em segundos, questionamentos que um livro lhe passaria em muitas páginas. Logo, formar um leitor hoje é um desafio que extrapola o ambiente escolar, pois, o jovem leitor lerá dentro ou fora da escola. O desafio é incentivá-lo a utilizar-se da leitura e escrita de forma que lhe propicie uma consciente e crítica prática cidadã.

A respeito da formação do leitor, Scoparo (2010) afirma:

A formação de um leitor pleno, autônomo, proficiente e crítico está para a sociedade moderna como uma das condições de inclusão e de sobrevivência digna. É sabido que no contexto moderno as práticas sociais exigem um indivíduo que desenvolva competências várias para conta das exigências de sociedades letradas. (SCOPARO, 2010, p.68)

Sendo assim, sugere-se aqui uma forma eficiente de (multi)letramento que favoreça o exercício de leitura com qualidade, tornando esta prática um ato prazeroso. Pois, acreditamos que "ninguém começa lendo as palavras porque antes da palavra o que a gente tem pra ler a disposição da gente é o mundo", Paulo Freire (IN: GADOTTI, 2006). Assim, propusemos uma prática de multiletramento audiovisual, pois, em sua linguagem, o cinema agrega tanto a

multiplicidade cultural como a semiótica, e, segundo Comenius (1658) "as figuras são representações de tudo que nos é visível no mundo."

Para atingir tal objetivo sugere-se a utilização de filmes como recursos didáticos que possibilita a aquisição de novos conhecimentos, fazendo com que o aluno desenvolva uma educação do olhar que o torne um sujeito crítico e capaz de compreender e associar seus novos saberes à vida sua cotidiana.

Diante disto percebe-se que o cinema é uma ferramenta de trabalho motivadora para professores e alunos, porém, ele não precisa ser apenas uma ferramenta, podendo ser também objeto de estudo com alto potencial educativo, pois, um filme pode e deve ser utilizado, também, como um elemento de formação cultural, além de ser uma forma prazerosa de aprender.

Nesse sentido, Napolitano (2003) ratifica:

[...] trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. (NAPOLITANO, 2003, p.11).

Compreendendo a necessidade de uma prática de letramento multissemiótica e multimodal, o presente artigo expôs um levantamento bibliográfico acerca da pedagogia de multiletramentos e da experiência de utilizar-se do cinema para este fim, sendo ele o meio e a forma capaz de concretizar tal prática. Com isso, ficou perceptível que o incentivo às novas formas de leitura do mundo não deve se restringir somente às práticas da oralidade e escrita, mas também a atenta observação das imagens que nos cercam e dos seus múltiplos significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Paulo Eduardo. **Vida e Obra**. In: BENJAMIN, Walter, et al. Textos Escolhidos. Volume IV. São Paulo: Victor Civita, 1975. Cap. 72, p. 945-964.

ARAÚJO, S. A. **Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula**. Revista Espaço Acadêmico, n.º 79, Mensal, Dezembro/2007.

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



ARAUJO, Alda Regina de; VOSS, Rita de Cássia Ribeiro. **Cinema em sala de aula:** identificação e projeção no ensino/aprendizagem da Língua Inglesa. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/117>>. Acesso em: 26 março 2015.

BELLONI, M.L. **Mídia-educação ou comunicação educacional?** Campo novo de teoria e prática. In: _____ (Org.). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 27-45.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. 1955. Disponível em: <<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20técnica.pdf>>. Acesso: 13 abril 2015.

COMENIUS, João Amós. **Orbis Sensualium Pictus**. London: J. Kirton, 1659.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio**. 3. ed. São Paulo: Positivo, 2004. 1 CDROM.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. In: *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 45ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia:** estudos culturais – identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MORAN, José Manuel. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 162-166. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/midias_educ.pdf> Acesso em: 03 maio 2015.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PAULO FREIRE Contemporâneo. Direção de Moacir Gadotti. [S.l.]: Produção de TV Escola e Olhar imaginário, 2006. (53min'). Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/especiais-diversos-paulo-freire-contemporaneo>>. Acesso em: 10 maio 2015.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro.** São Paulo: Papyrus, 1996.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SCOPARO, Tânia Regina Montanha de Toledo. **Leitura, texto e multiletramento:** propostas dialógicas. IN: VII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS – Estudos Linguísticos e Literários. 2010. Anais... UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2010. ISSN – 18089216. p. 68 – 80.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo, conhecimento e educação:** notas esparsas. In Soares, Carmen Lúcia (org) **Corpo e História.-** Coleção Educação Contemporânea. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2003.

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO

